

Contra a Parede O Grafite e a Pichação em Campo Grande-MS¹

Gustavo Arakaki HENRIQUE²

João Marcelo Correia SANCHES³

Thaís Lopes PIMENTA⁴

Prof.^a Dr.^a Greicy Mara FRANÇA⁵

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO:

Nosso trabalho de conclusão de curso consiste em um vídeo documentário que mostra as transformações do cenário urbano de Campo Grande (MS) por meio de pichações e grafites. Além de exibirmos um fragmento da realidade de indivíduos inseridos na situação das intervenções gráficas urbanas, conseguimos registrar um processo em nossa cidade por qual outras já passaram. Acreditamos que o entendimento deste fenômeno social pode auxiliar na absorção das informações de maneira mais tolerante por parte da sociedade campo-grandense.

PALAVRAS-CHAVE:

Comunicação, Jornalismo Cultural, Cultura Urbana, Pichação, Grafite.

1 INTRODUÇÃO

Segundo o pesquisador brasileiro Valdemar Schultz, utilizando como base a obra Guia ilustrado de *Graffiti* e Quadrinhos (BAGNARIOL, Piero et al. 2004, p.155-185):

Grafite tem origem no termo italiano *graffito*, que deriva do latim *graphium*. Inicialmente, designou um estilete utilizado para escrever sobre placas de cera. Posteriormente, a forma plural, *graffiti*, nomeou as inscrições gravadas na pré-história e na antiga Roma. Em 1965, a palavra *graffiti* foi utilizada para definir as pichações com *spray* e, nos anos 70, para indicar as modernas pinturas feitas com a mesma tinta. O termo pichação remete às inscrições realizadas com piche em muros na antiga Roma. Adquiriu arbitrariamente uma conotação pejorativa, quando se tornou uma prática de protesto social nos bairros periféricos de Nova Iorque, na década de 1960, e, mais tarde, quando foi utilizado por torcidas organizadas em práticas ilegais ou por grupos de controle do narcotráfico, mais especificamente nos bairros do Bronx e Harlem. (SCHULTZ, 2010, p. 5)

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria _____, modalidade _____.

² Aluno líder do grupo e estudante recém graduado no curso de Jornalismo, e-mail: arakaki_gustavo@hotmail.com.

³ Estudante recém graduado no curso de Jornalismo, e-mail: jmcs2106@hotmail.com.

⁴ Estudante recém graduado no curso de Jornalismo, e-mail: thais.jor@hotmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, e-mail: greicymara@hotmail.com.

Tanto o grafite quanto a pichação, em seus primórdios, eram formas de comunicação legitimadas em suas sociedades. A mudança neste panorama deve-se, em parte, à popularização do aerossol, após a Segunda Guerra Mundial. Tal fato trouxe mais agilidade e mobilidade para o ato de pichar, e o contexto político-social do pós-guerra se mostrou propício para manifestações ideológicas.

Durante a revolta estudantil de 1968, em Paris, o spray foi usado como forma de protesto contra as instituições universitárias e manifestação pela liberdade de expressão. Também na década de 1960, o Muro de Berlim ostentou por vários anos um lado oriental limpo e de pintura intacta, controlado pelo regime socialista da União Soviética, enquanto seu lado ocidental, encabeçado pela democracia capitalista dos Estados Unidos, foi tomado por pichações e grafites de protesto contra o muro. Até sua derrubada, em 9 de Novembro de 1989, os dois lados do muro representavam a discrepância entre a ditadura soviética e a própria liberdade de expressão garantida na democracia de Berlim Ocidental⁶.

No Brasil, as pichações foram disseminadas durante a ditadura militar, especialmente na década de 80, devido à possibilidade de preservação da identidade daquele que a produz. Em tempos de censura, o anonimato era fundamental. Os textos escritos em muros e monumentos por esses indivíduos tornavam-se então uma ferramenta de inconformismo e oposição ao sistema de governo vigente. Esta conjuntura, contudo, ajudou a formar o estigma de criminalidade e marginalização que perdura em várias partes do mundo.

Uma ilustração desta perspectiva criminalista é a Lei nº 9.605, aprovada em 12 de Fevereiro de 1998, que dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente. No artigo 65, alterado⁷ para descriminalizar o ato de grafitar e proibir a comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 anos, foi estabelecido que pichar, grafitar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano era crime passível de punição com três meses a um ano de prisão, além do pagamento de multa.

⁶ SOUZA, David da Costa Aguiar de. (2007). "Pichação carioca: etnografia e uma proposta de entendimento". Rio de Janeiro: IFCS, UFRJ.

⁷ A Lei nº 12.408, de 25 de Maio de 2011, carregava consigo a alteração do artigo 65 e instituiu que: "não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional."

Enquanto as discussões pautadas em questões sociais e ideológicas das intervenções gráficas urbanas⁸ nos grandes centros era crescente, Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, ainda não encontrava episódios de grafites e pichações significativos a ponto de gerar as discussões que são vistas hoje na mídia e na Câmara Municipal.

2 OBJETIVO

2.1 OBJETIVO GERAL

Produzir um documentário que mostre as transformações por qual o cenário urbano de Campo Grande - MS vem passando, através de pichações e grafites.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Registrar a realidade de alguns personagens que participam de forma ativa dessas intervenções e o processo de produção delas.
- Contrapor as duas atividades, que dividem os mesmos espaços e são vistas de formas diferenciadas, de acordo com as respectivas motivações de seus autores.
- Discutir o contexto social que envolve o tema e levantar o debate sobre o que é considerado “arte” por aqueles envolvidos diretamente (grafiteiros e pichadores), pela sociedade civil e pela legislação local.

3 JUSTIFICATIVA

Optamos pela produção de um documentário com base no grande conteúdo visual do tema escolhido. Além da possibilidade de se produzir belas imagens por meio de grafites ou paisagens da cidade, seria difícil transmitir as impressões que desejamos criar com nosso produto final utilizando-se apenas de textos e fotos. Os procedimentos que existem até a finalização de uma pichação ou grafite são desconhecidos pela maioria das pessoas, e com a filmagem destes atos, conseguimos retratar, com fidelidade e realismo incomparáveis, os riscos que grafiteiros e pichadores enfrentam ao praticar suas atividades.

Como observadores do meio em que vivemos, percebíamos que a quantidade de intervenções gráficas urbanas aumentava, à medida que a sociedade despertava para o debate acerca de pichações e grafites. Após a realização de entrevistas e estudos motivados

⁸ Faremos uso desta expressão em nosso projeto, algumas vezes de forma abreviada (IGU), para representar tanto a pichação quanto o grafite.

pelos fatos citados, entendemos que a capital pode estar vivenciando um processo inerente ao seu crescimento.

Este processo ainda não está em seu estágio final, como se observa em grandes metrópoles, mas tendo como apoio justamente o contexto de outras cidades que já passaram pelo crescimento irregular (deixando milhares de pessoas a margem do desenvolvimento centralizado), consideramos este o momento perfeito para a realização do registro.

Fazendo uma análise agora, temos a expectativa de que nosso trabalho possa ser utilizado futuramente para ajudar a entender como a sociedade e as políticas de desenvolvimento reagiram a este fenômeno social que está acontecendo, e quais foram os reflexos das ações tomadas neste momento.

Além deste crescimento periférico e a marginalização, ambos muito importantes na constituição da justificativa do assunto de nossa pesquisa, encontramos também outro aspecto que precisa ser explanado: a diferenciação entre o grafite e a pichação. À medida que abordarmos questões sociais presentes em nosso tema, tentamos esclarecer ao nosso público que as atividades não possuem qualquer relação de dependência ou complementaridade.

Consideramos relevante, dentro do contexto midiático local, apresentar aos espectadores que as motivações e o caráter de cada expressão são distintos. Diferentemente do que vem sendo publicado pela imprensa campo-grandense, acreditamos que o grafite não pode ser encarado como uma solução para as pichações, e o nosso envolvimento com o contexto social das IGU nos permitirá esmiuçar essa dualidade.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Servindo também como a comprovação de uma tese proposta neste trabalho, iniciamos nossas atividades práticas, em conjunto, com a captação de imagens de IGU que se destacam tanto pelo sítio em que foram feitas como pelo impacto causado pela imagem em si. Estas gravações, que foram empregadas como imagens de apoio às entrevistas, fortalecem nosso argumento de que este é um tema em evidência atualmente, no momento em que a sociedade campo-grandense ainda tenta definir os seus parâmetros do que é ou não aceitável dentro deste contexto.

Durante as entrevistas, mantivemos a sequência de conversar com as fontes sobre suas experiências com pichação/grafite antes de registrarmos qualquer imagem, a fim de deixá-las mais confortáveis com a proposta do documentário e com a nossa abordagem.

Utilizamos um microfone de lapela com captação em estéreo e dois tipos de enquadramento durante as gravações.

Segundo o autor Antonio Costa (COSTA, 2003), em seu livro "Compreender o Cinema", "cada enquadramento é resultado de uma série de escolhas relativas". Pensando nisso, aplicamos durante as gravações das entrevistas dois tipos de planos apresentados no livro: o Primeiro Plano (PP) e o Plano Americano (PA). Os planos são definidos, respectivamente, como enquadramento da figura humana de meio busto para cima e do objeto principal filmado, aproximadamente, dos joelhos para cima.

Como recurso para evitar a desatenção do espectador com possíveis ruídos na parte posterior dos entrevistados, durante as entrevistas, utilizamos ainda uma lente normal com distância focal fixa, 50 milímetros. As imagens de apoio foram filmadas em Plano Geral (PG) utilizando uma lente grande angular, 18-55 milímetros, e em PP, com uma teleobjetiva com distância focal 75-300 milímetros. Em alguns momentos, fizemos gravações também com uma câmera de ação GoPro Hero 3+, um adaptador de lente *Fisheye* 0.35X e uma filmadora Handycam Sony para captação de imagens noturnas.

No caso de alguns pichadores, especialmente os menores de idade, optamos por não identificá-los por meio de recursos que variaram desde o ângulo de captação das imagens até o uso dos bonés/gorros dos entrevistados de maneira que cobrisse seus respectivos rostos.

Importante também é a nossa justificativa para a opção de não fazer uso de um narrador. Este recurso documental nunca nos atraiu, o que, automaticamente, afastou a possibilidade de abordagem deste tema através de uma grande reportagem, que envolveria a realização de passagens e *offs*. Apesar de não ser uma consequência direta que deva ser considerada uma regra, acreditamos que o espaço para nossas falas seria carregado de opiniões, devido ao nosso histórico de envolvimento com o assunto, que poderiam afetar a formação de opinião entre os espectadores. Especificamente pelo tema escolhido, consideramos que seria mais interessante, tanto pelo aspecto estético quanto ideológico, que a história fosse contada apenas pelos personagens, amarrando as respostas de modo que o público consiga distinguir qual foi o questionamento.

Ao analisarmos a produção brasileira de documentários dos últimos anos identificamos sem muita dificuldade a desapareção de um elemento estético que foi no entanto dominante nos filmes dessa forma de cinema até o final dos anos 80: a locução em off, a narração desencarnada,

onisciente e onipresente, que tudo vê e tudo sabe a respeito de personagens e situações que vemos na imagem. Um tipo de intervenção sonora que passou a ser considerado excessivo na relação entre filme e espectador, dirigindo sentidos, fabricando interpretações. (LINS, 2007)

Quanto ao processo de entrevistas, apesar de termos uma sequência de perguntas que foram feitas às fontes, elencadas de acordo com os objetivos do projeto, não seguimos um roteiro escrito. Não queremos estabelecer ou reforçar nenhum tipo de estereótipo, mas algumas das fontes não se mostraram tão articuladas ao responderem questionamentos de cunho sociológico ou político. Por isso, seguindo nossa incumbência como jornalistas de dar fluência à entrevista, pautamos nossas perguntas de acordo com as respostas que nos eram dadas.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A “Cidade Morena”, aos poucos, ganha mais e mais tons de cinza. Prédios e concreto disputam espaço com o verde antes mais presente em Campo Grande. A verticalização, o crescimento periférico e o desenvolvimento de uma cultura urbana com personalidade própria culminam em situações e debates que não entravam na pauta dos cidadãos. E tanto o grafite quanto a pichação afetam, hoje, mais do que somente o seu suporte previsto (muros e paredes), mas também o cotidiano dos campo-grandenses. “Contra a parede” representa a fala dos protagonistas silenciosos desta nova questão social. Pichadores e grafiteiros defenderam suas formas de expressão, seja como arte ou protesto, e trouxeram um novo olhar sobre as motivações e consequências de seus trabalhos. Nosso espectador terá contato com realidades distintas da capital que são fundamentais à formação de uma opinião própria; sobre o vandalismo e a revolta, a depredação e o enriquecimento estético, legal e ilegal, “picho” e grafite.

6 CONSIDERAÇÕES

Nosso trabalho de conclusão de curso alcançou seus principais objetivos propostos e tornou-se motivo de grande orgulho para nós. Mais do que a sensação de dever cumprido, concluímos o quarto e último ano do curso cientes de que criamos um produto audiovisual de qualidade estética e intelectual acima da média, fazendo jus ao ensino de uma universidade federal que nos foi oferecido desde 2011. Acreditamos que o desejo de trazer novas informações e argumentos para o debate vigente sobre intervenções gráficas

urbanas se concretizou, e como jornalistas, seguiremos nossas carreiras acompanhando o desenvolvimento deste e de muitos outros temas que sejam de interesse da sociedade, exercendo nossa profissão em sua essência.

Como instigadores, tentamos fugir do lugar comum e respostas prontas baseadas na culpabilidade do sistema. Ao invés disso, conseguimos histórias que ilustram de modo mais tangível o que cada personagem sofre em razão ou por consequência do que fazem. Conseguimos também captar a essência de cada tipo de intervenção entre os seus principais representantes. Nada ali é feito por acaso; tanto o grafite quanto a pichação requerem um desenvolvimento estético que, para muitos, certamente foi deixado de lado em uma assinatura de cor singular sob um viaduto, mas que também abarcou originalidade e criatividade.

Através de estudos e exemplos práticos, podemos afirmar que a pichação e o grafite são atividades irreversíveis. Ainda que individualmente, as marcas de tinta e spray sejam efêmeras, o processo em si seguiu uma tendência de crescimento em várias metrópoles e centros urbanos do mundo. Com o tempo, descobriremos qual será o rumo das IGUs em Campo Grande; se convergiremos para a incorporação destes elementos como parte de nossa cultura urbana ou seguiremos um rumo inédito. Seja qual for o resultado deste fenômeno social nos próximos anos, crucial, para nós, é que qualquer reflexão relacionada ao tema advinda deste trabalho seja mais tolerante e fundamentada, não apenas para um lado, mas para todos os participantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

BAGNARIOL, Piero; VIANA, Maria Luiza. História recente do graffiti, in BAGNARIOL, Piero et al. **Guia ilustrado de Grafitti e Quadrinhos**. Belo Horizonte: 2004, p.155-185.

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente. **Estatuto da Criança e do Adolescente: um guia para jornalistas**. Belo Horizonte, MG: Rede Andi Brasil, 2009. 137 p. : il.

BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Tradução de Maria Luisa X. de Borges. Revisão técnica de Karina Kuschnir. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

COSTA, Antonio. **Comprender o cinema**. 3ª ed. São Paulo. Globo, 2003

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. Ed. Contexto, São Paulo, 2005.

GITAHY, C. **O que é grafitti**. Editora Brasiliense. São Paulo, S.P. 1999.

LABAKI, Amir; MOURÃO, Maria Dora. **O Cinema do Real**. Editora: COSAC NAIFY. São Paulo, 2005.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil - A penetração cultural americana**. Editora Brasiliense, RJ.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. MARTINS, Mônica Saddy. Mônica Saddy Martins. 5. ed. São Paulo: Papyrus, 2012.

PENAFRIA, Manuela. **Tradição e Reflexões: Contributos para a teoria e estética do documentário**. Livros LabCom. 2011.

PESSÔA, Eduardo. **Introdução ao Direito Para a Área de Comunicação**. 6ª ed. Rio de Janeiro. 2007.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de Documentário: Da pré-produção à pós produção**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 2009.

SÁ, Xico; WAINER, João; WAINER, Pink. **Ttsss... a grande arte da pixação em São Paulo, Brasil**. São Paulo: Editora do Bispo, 2006.

SOUZA, Hélio Augusto Godoy de. **Documentário, Realidade e Semiose: os sistemas audiovisuais como fontes de conhecimento**. São Paulo: Annablume Fapesp, 2001.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. 3ª ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

PERIÓDICOS:

ARRUDA, Giulliano Roberto da Silva Campos. **A influência do Graffiti na Publicidade. Estudo de caso – NIKE**. Monografia (Bacharelado em Publicidade e Propaganda) – Universidade Anhanguera-Uniderp. Campo Grande, 2012.

BEGUOCI, Leandro P. **Entre o museu e o outdoor**. Super Interessante, São Paulo, n. 216, p. 79-82, ago. 2006.

CRESSEY, Donald R. **Criminological Research and the Definition of Crimes**. *American Journal of Sociology*, v.56, n.6, maio 1951, p.546-51.

FERNANDES, Larissa; BARBOSA, João. **Pichação como manifestação cultural: arte ou vandalismo**. Alfenas, pág 381 - 384. 2014.

JUNIOR, José; CHAVES, Aline. **Não Consigo Ler O Que Está Escrito**. *Philologus*, Rio de Janeiro, ano 19, n. 57, suplemento 60, 2013.

LASSALA, Gustavo. **Os Tipos Gráficos da Pichação: Desdobramentos Visuais**. Dissertação de mestrado – Universidade Mackenzie. São Paulo, 2007.

LINS, Consuelo. **O ensaio no documentário e a questão da narração em off.** In: Anais da 16º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Cd-Rom. Curitiba, 2007.

LOPES, Joana Gonçalves Vieira. **Grafite e pichação: os dois lados que atuam no meio urbano.** 2011. 37 f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

RODRIGUES, Flávia. **Uma breve história sobre o cinema documentário brasileiro.** CES Revista, v.24. Juiz de Fora, 2010.

SCHULTZ, Valdemar. **Intervenções urbanas, arte e escola: experimentações e afectos no meio urbano e escolar.** 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”, Cachoeira-BA, 2010.

SOUZA, David da Costa Aguiar de. (2007). **Pichação carioca: etnografia e uma proposta de entendimento.** Rio de Janeiro: IFCS, UFRJ.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** São Paulo Editora Atlas S.A., 1987, p. 145-158.

WAINER, João. **Pichação é arte.** Super Interessante, São Paulo, n. 213, p.98, abril/maio 2005.

REDES, SITES, E OUTROS:

ALBUQUERQUE, Hinara. **Não é grafite. É pixo.** OLHO ESQUERDO. Disponível em: <<http://olhoesquerdo.com/2014/02/24/nao-e-grafite-e-pixo/>>. Acesso em: 24 de fev. de 2014.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº. 1 (3), janeiro-julho/2005. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acesso em: 1 de nov. de 2007.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Índice elaborado por Edson Seda. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 1994. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069compilado.htm>. Acessado em: 30 de out. de 2014.

BRASIL. **Lei nº 9.605, de 12 de Fevereiro de 1998.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm>. Acessado em: 31 de out. de 2014.

DONATO, Mauro. **São Paulo deveria ser a cidade do grafite.** DIÁRIO DO CENTRO DO MUNDO. Disponível em: <<http://repique.blog.terra.com.br/2008/10/27/fotografo-conta-detalhes-da-pichacao-na-bienal/>>. Acesso em: 12 de jun. de 2014.

FazFácil. **Estêncil.** Disponível em: <<http://www.fazfacil.com.br/artesanato/estencil/>>. Acessado em: 31 de out. de 2014.

FREESTYLE: um estilo de vida. Direção: Pedro Gomes. Produção: Pedro Gomes. São Paulo - SP, 2008. 42 min. Son, Color, Formato: HDV.

L.A.P.A.. Direção: Cavi Borges, Emílio Domingos. Produção: Alice Ventura e Cavi Borges. Rio de Janeiro - RJ, 2008. 74 min. Son, Color, Formato: HDV.

HEITLINGER, Paulo. **Caderno de Tipografia, Nr. 3/Legibilidade.** Setembro de 2007. Disponível em: <<http://www.tipografos.net/cadernos/cadernos-03.html>>. Acessado em: 18 de set. de 2014.

MÍDIA RADICAL. **História recente do graffiti.** Disponível em: <<http://midia-radical.blogspot.com.br/2008/11/histria-recente-do-graffiti.html>>. 2008. Acesso em: 08 de ago. de 2014

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Classificação Indicativa.** Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJ6BC270E8ITEMID66914BCA346A4350800CB04EBF2D6BD7PTBRNN.htm>>. Acessado em: 1º de nov. de 2014.

PIXO. Direção: João Wainer, Roberto T. Oliveira. Produção: Francesco Civita. São Paulo - SP, 2009. 61 min. Son, Color, Formato: HDV.

PROFISSÃO REPÓRTER: A AÇÃO DE PICHADORES. **Fantástico.** Rede Globo, 07 de mai. De 2006. Programa de TV.

PERCÍLIA, Eliene. **O que é mangá.** Brasil Escola. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/artes/o-que-e-manga.htm>>. Acessado em: 30 de out. de 2014.

SCHULTZ, Valdemar. **Pichação e Grafite: Reverberações Educacionais.** Disponível em: <<http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT24-6075--Int.pdf>>. 2009. Acessado em: 8 de ago. de 2014.

SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA. **Classificação Indicativa: Guia Prático.** Disponível em: <<http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/comunicacao/guia-pratico-da-classificacao-indicativa>>. 2006. Acessado em: 1º de nov. 2014.

TERRA, Blog do Repique, **Fotógrafo conta detalhes da pichação no Brasil.** Disponível em: <<http://repique.blog.terra.com.br/2008/10/27/fotografo-conta-detalhes-da-pichacao-na-bienal/>> Acesso em: 26 de mai. de 2014.

WIKIPÉDIA, **Sampler.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sampler>>. Acessado em: 1º de nov. de 2014.